

### **Gênese das leis e dos princípios da teoria da complexidade em Edgar Morin**

---

Celso José Martinazzo  
Óberson Isac Dresch

MORIN, Edgar. *Meus filósofos*. Porto Alegre: Sulina, 2013. 175 p.

No livro *Meus filósofos* (2013), Edgar Morin, pensador francês, faz um relato histórico, analítico e hermenêutico sobre os pensadores<sup>1</sup> e as escolas do pensamento que mais o influenciaram e inspiraram na arquitetura da teoria da complexidade.

A obra tem a marca e a profundidade do pensador Edgar Morin. A leitura flui de forma agradável e compreensível. O autor, nesse sentido, consegue atingir seu propósito de “[...] visitar os espíritos que me formaram e me alimentaram, bem como reconhecer minha dívida múltipla com eles” (p. 9). Permite, assim, que se faça uma leitura sobre a história da gênese do pensamento que constituiu e ainda constitui o referencial da teoria da complexidade.

---

<sup>1</sup> Dentre os pensadores, Morin inclui não apenas aqueles que são considerados filósofos, mas cientistas, músicos, historiadores, romancistas, escritores e poetas.

Morin nos remete a uma releitura de muitos dos pensadores clássicos, que no seu entendimento contribuíram decisivamente para a (in)completude do seu pensamento, sob o viés da complexidade. Com base num significativo número de pensadores de diferentes áreas do conhecimento, Morin elabora os pressupostos de uma nova racionalidade para um pensar livre, multidimensional, multiocular e, portanto, complexo. Reorganiza a forma de pensar tradicional, linear e binária da cultura dominante, assimilando e superando o que ele denomina de saber simplificador, fragmentado e parcelar do especialista.

O autor explicita a gênese das leis e dos princípios da complexidade e a forma como foi moldando e estruturando a teoria da complexidade e o pensamento complexo.<sup>2</sup> Indica as diferentes fontes de onde coletou os principais pressupostos e informações. Analisa, com detalhes e à sua maneira peculiar, as frases, os conceitos e os pressupostos inspiradores que absorveu dos “filósofos” e das teorias filosóficas e científicas.

Sem divisão de capítulos, o livro obedece a um critério cronológico para abordar os pensadores, iniciando pelos mais antigos. O autor, porém, explicita que muitas de suas ideias são produto do autodidatismo que o conduziu ao encontro de seus mestres do pensamento, tendo recolhido inspirações em todos os domínios do saber “[...] como uma abelha que produz mel a partir de todas as flores [...]” (2013, p. 18). Ele nos brinda com um esclarecimento interessante: “Não tenho nenhum mestre exclusivo do pensamento, mas uma constelação de estrelas-guias, de Heráclito e Lao Tse, até Breton, Bataille e von Foerster...” (2013, p. 19).

Dentre os pensadores que mais contribuíram para a elaboração de sua perspectiva ontológica, epistemológica e metodológica, Morin destaca: Heráclito, Buda, Jesus, Montaigne, Descartes, Pascal, Spinoza, Rousseau, Hegel, Marx, Dostoiévski, Proust, Freud (as psicanálises), os teóricos da Escola de Frankfurt (Adorno, Horkheimer, Marcuse e também Bloch), Heidegger, os pensadores da ciência e os cientistas pensadores (Bergson, Bachelard, Piaget, Von Neumann, von Foerster, Niels Bohr, Popper, Holton, Kuhn, Lakatos, Husserl), Ivan Illich e Beethoven.

Morin insere os pensadores numa retrospectiva da sua própria memória e o faz à medida que os vai compreendendo e assimilando em diferentes fases de sua vida. Registra suas ideias e formata sua postura epistemológica na ordem em que as assimila e as (re)constitui.

Mesmo conscientes de correr o risco de simplificar demasiadamente o conteúdo da obra, destacamos que em Heráclito, Pascal, Hegel e Marx, bem como na filosofia chinesa do Tao, o autor encontra as verdades que se alimentam de contradições insuperáveis que ele denomina de “dialogia”. O pensador, ao se defrontar com as contradições insuperáveis, as unidualidades complementares e as diferentes lógicas que constituem a realidade, escreve: “Eu caminhava inconscientemente na direção da complexidade, ou seja, na direção da conciliação e da complementaridade das ideias, fossem elas antagônicas ou separadas umas das outras” (2013, p. 11). A iluminação hegeliana possibilitou-lhe compreender “[...] que existe outro concreto além da experiência existencial, que é o

---

<sup>2</sup> Quem tiver interesse em conhecer com maior profundidade as origens das ideias de Edgar Morin poderá ler outras obras autobiográficas do autor, dentre elas: *Meus demônios* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000) e *O meu caminho* (Entrevista com Djénane Kareh Tager; Lisboa: Instituto Piaget, 2008).

da complexidade que percebe diversas faces de uma mesma realidade, inclusive a contraditória” (2013, p. 13).

Georges Lefebvre, professor de História da Revolução Francesa na Universidade de Sorbonne, também influenciou na elaboração do pensamento complexo. Morin deve a ele dois ensinamentos cabais: primeiramente, “que as consequências das ações históricas são frequentemente contrárias às intenções daqueles que as decidem” (2013, p. 12). Um segundo ensinamento refere-se à “retroação do presente sobre o conhecimento do passado” (Morin, 2013, p. 12). Em cada época histórica que se sucede, formula-se, em consonância ao seu atual contexto, uma interpretação diferente do que ocorreu. Conclui-se, pois, que não há um ponto de vista soberano para a observação, uma espécie de metaponto, mas sim a necessidade de se historicizar o conhecimento.

Outro elemento ganha força com base nessa perspectiva: o da inclusão da auto-observância do sujeito em suas observações. Tal concepção, elaborada inicialmente por Heinz von Foerster, indica que “o observador deve observar-se em sua observação, que o conhecimento de um objeto deve conter o conhecimento do sujeito cognoscente, que todo conhecimento deve conter seu autoconhecimento” (2013, p. 12). Mais que conhecer e explicar o objeto, o sujeito busca, ao investigá-lo, compreender, pensar, reconhecer a si mesmo nas suas interligações com as outras pessoas e com o mundo.

Tal perspectiva pode ser interpretada como porta de entrada para uma concepção diferente de ser humano. Inaugura-se, assim, a chamada antropologia complexa. Seu intuito é conceber o *antrophos* complexamente, isto é, interligando *bios*, *physis* e *cosmo*. Este conjunto “constitui um circuito recursivo ininterrupto no qual cada termo está implicado no outro, alimenta o outro e depende do outro” (2013, p. 17). Sendo assim, Morin considera fundamental pensar conjuntamente a unidade e a diversidade humanas. Cada uma é indispensável à outra ou, como o autor argumenta, ambas são “tesouro” uma para a outra.

A Antropologia, ao se orientar pela perspectiva da complexidade, não visa unicamente a analisar o ser humano em suas qualidades específicas. Mais do que um ser constituído de inúmeras partes somadas entre si, ele é constituído de aspectos complementares e contraditórios, estando estes presentes tanto em seu todo como em suas partes. É a unidade presente na diversidade e esta, por sua vez, na unidade.

Ao entender o homem como um “tecido de contradições”, a antropologia complexa aponta para o princípio dialógico, o qual possibilita pensar aspectos, que, muitas vezes, são vistos de modo excludente, enquanto complementares e presentes em um mesmo ser ou em uma mesma realidade. O ser humano, por exemplo, é *sapiens* e *demens*; sua sabedoria está relacionada à sua loucura e vice-versa. Parafraseando um ditado popular, pode-se afirmar que “de sábio e de louco todo mundo tem um pouco”.

Morin destaca o princípio da ecologia da ação ao assegurar que toda ação desencadeada participa de um jogo de interações e retroações com

o meio em que está sendo realizada, que pode desviá-la de seus fins e até conduzir a um resultado contrário ao inicialmente projetado. Sempre existe, portanto, uma imprevisibilidade referente às consequências finais da ação.

Em Pascal, Morin encontra elementos para a compreensão de um dos princípios-chave da complexidade que é a hologramaticidade, de onde conclui que tudo está ligado a tudo, de uma forma antagônica, concorrente e intercomplementar. E explica: “Para mim, o maior pensador, o mais próximo (ao mesmo tempo que Heráclito) é Blaise Pascal: Quanta força, quanta completude no inacabamento de *Pensamentos!* Fonte radioativa, cada um dentre eles incita-me a meditações infinitas” (2013, p. 53).

Desse princípio pascalino, Morin continua a tirar sábias conclusões:

Foi assim que fui animado pela vontade de entrelaçar tanto quanto possível filosofia, ciência, literatura, poesia e, bem antes que surgisse em mim a necessidade imperiosa de utilizar esse termo, eu buscava a complexidade, que significa integrar simultaneamente as múltiplas dimensões de uma mesma realidade, a saber, a realidade humana, as incontornáveis contradições e as inelimináveis incertezas (2013, p. 13-14).

O livro de Morin (2013), sem dúvida, contribui substancialmente para a compreensão da tessitura da teoria, do paradigma e da lógica da complexidade na medida em que apresenta ao leitor, em linguagem acessível e clara, até mesmo para o público pouco familiarizado com a temática abordada, importantes aspectos para a compreensão da teoria da complexidade em suas dimensões ontológica e epistemológica.

Recomendamos a leitura da referida obra para todos aqueles que se mostram interessados em compreender a lógica do pensamento moriniano e os princípios cognitivos que regem sua forma própria de pensar. Incluímos nesse rol, especialmente, os professores que atuam diretamente na área da educação e que têm o desafio permanente de veicular, socializar e produzir pesquisa e conhecimento. O livro é de grande valia, também, sem dúvida, para os pesquisadores de todas as áreas do conhecimento humano, que têm o compromisso de promover formas mais criativas e pertinentes de pesquisa e de conhecimento.

Após sucinta exposição do conteúdo do livro, é necessário ressaltar que, quando realizamos uma resenha, priorizamos alguns aspectos por nós considerados os mais relevantes. É somente a leitura do texto integral que pode proporcionar ao leitor a apreensão das valiosas e profundas contribuições do autor para a compreensão e reorganização do pensamento.

Esperamos que a leitura desse livro inspirador auxilie a todos na compreensão e explicação de como conhecemos o que conhecemos e produza em nós os efeitos que levaram Morin a testemunhar: “Meus filósofos me ajudaram a sentir-me religado a todos os domínios da vida e do conhecimento, a rejeitar o que rejeita, a cultivar um sentimento infinito

de solidariedade: o que o Tao denomina o espírito do vale que 'recebe em si todas as águas'" (2013, p. 18).

Boa leitura!

---

Celso José Martinazzo, doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é professor do Departamento de Humanidades e Educação e do Programa de Mestrado em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), Ijuí, Rio Grande do Sul, Brasil.

[marti.sra@terra.com.br](mailto:marti.sra@terra.com.br)

[martinazzo@unijui.edu.br](mailto:martinazzo@unijui.edu.br)

Óberson Isac Dresch, graduado em Filosofia e Teologia e mestre em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), Ijuí, Rio Grande do Sul, Brasil.

[obersac@yahoo.com.br](mailto:obersac@yahoo.com.br)